

# **A investigação na formação continuada do psicanalista: especificidades e relatos de experiências<sup>1</sup>**

**Silvia Leonor Alonso<sup>2</sup>**

## **1) Formação**

No longo processo de formação, ou como prefiro denominá-lo, de construção de um analista, que não é somente um processo de aprendizado, mas também de transformação dele próprio – “uma mudança de estado”, nas palavras de Enriquez (1994) –, a análise pessoal ocupa um lugar central e será nela que se realizará a experiência do inconsciente, analisando também o desejo de ser analista, que pode tê-lo levado a iniciar sua análise ou surgido nela. A isto terá que se somar a clínica supervisionada com um analista mais experiente, lugar de construção de um pensamento clínico e também de localização dos pontos cegos que lhe dificultam o trabalho.

Assim como no ofício de um artesão, o ofício de um analista se transmite no corpo a corpo de quem escuta o sofrimento de um paciente e de quem é escutado no próprio sofrimento. Sua clínica será também pensada a partir dos textos e das leituras; do texto freudiano no qual estão os fundamentos e dos múltiplos autores que, depois dele e no contemporâneo, enriquecem o pensamento sobre a clínica. Esse tripé, aceito por todas as instituições de formação, por mais divergências que elas tenham entre si em muitos pontos, se completa no entendimento de alguns pela escrita, fruto da investigação, e pela pertinência institucional, que permite o convívio com colegas, em que poderão circular os restos de transferência para serem elaborados, em que se poderá ter companhia para enfrentar as resistências à psicanálise, sempre existentes, e onde projetos de transmissão e intervenção serão possíveis.

---

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no X Congresso da Federação Latino-americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise (FLAPPSIP), 2019.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Todos sabemos das grandes dificuldades que este processo de construção de um analista implica. De um lado, o analista se depara com a necessidade de se apropriar das heranças, pois os três pés da formação se iniciam de uma situação na qual o ideal está colocado em alguém.

Na análise, o analista – na estruturação narcísica da transferência – está colocado no lugar do suposto saber e isto é fundamental para que a análise funcione. Na supervisão, ela só será possível porque uma transferência existe com o supervisor; já no estudo teórico, o autor de referência é colocado no lugar de mestre. Nestas filiações necessárias, já que nenhum analista é auto-engendrado, um caminho de apropriação das heranças terá que passar pelo luto do Outro no lugar do ideal. Nesse processo os caminhos das identificações são fundamentais para construir o “mosaico identificatório” necessário para aprender o ofício, mas a *apropriação das heranças* é fundamental para construir-se como um analista singular. Ou seja, um processo de alienação faz parte do processo, mas dele tem de se sair fazendo o *luto do ideal*. Pode acontecer também dos processos de alienação se prolongarem nos dogmatismos, no seguimento cego a um mestre. Nesse sentido, entendo que o pluralismo nas instituições, assim como a inclusão dos múltiplos desenvolvimentos conceituais, são uma boa proteção aos dogmatismos (Alonso, 2011; 2014).

## **2) Investigação**

Se de um lado o analista tem que se apropriar das heranças, ou seja, fazer o luto do ideal para poder construir-se como analista singular, do outro lado encontrará o desafio de participar do desenvolvimento da psicanálise, na produção de conhecimentos, que é o objetivo da investigação e da escrita, como lugar da autoria.

Sabemos que a investigação em psicanálise durante muito tempo recebeu ataques importantes, sejam vindos do empirismo positivista, que sempre questionou a cientificidade da psicanálise, assim como a possibilidade da investigação em psicanálise argumentando a não possibilidade de verificação e comparação, e a não abrangência das grandes amostragens; mas também das próprias sociedades de psicanálise, que no medo de que se seguisse o caminho da racionalização, ou da contaminação pelo discurso

universitário, muitas vezes se opuseram à investigação. Apesar disso, o trabalho de investigação em psicanálise se consolidou dentro do âmbito universitário e nas próprias associações de analistas.

Existem analistas que tentam avançar pelo caminho da pesquisa empírica, às vezes com aplicação de estatísticas aos discursos, com comprovação da eficiência ou métodos comparativos. Não tem sido esse o meu caminho nem o de muitos outros. Entendo que cada disciplina constrói seu método de pesquisa de acordo com seu objeto. Em nosso caso, se trata do psíquico, e fundamentalmente do psíquico inconsciente, em relação ao qual a escuta, a interpretação e a transferência são três operadores fundamentais e estão presentes não só no trabalho da cura como também da investigação. Esta transita num campo das lembranças e dos esquecimentos, dos nomeados e dos inomináveis, dos enigmas difíceis de decifrar e tem a singularidade como marca fundamental, sem que se confunda singularidade com pessoa ou indivíduo.

A pesquisa na psicanálise tem a clínica no seu fundamento, é a partir dela que se constrói teoria e metapsicologia, mas não por isto se restringiria à relação analista-paciente nem ao chamado caso clínico, já que existe a “clínica extramuros” e a escuta e interpretação certamente se desdobraram para outros campos.

Por outro lado, clínica e cultura estão sempre enlaçadas na investigação psicanalítica, é de sua própria especificidade, já que não há sujeito sem outro nem constituição subjetiva sem laço social. Freud trabalhou com as histéricas na clínica para aliviar o sofrimento neurótico, mas já em 1908 escrevia sobre o imaginário do feminino na modernidade e seus efeitos recalcantes presentes na base do sofrimento psíquico das mulheres de sua época. Seja na clínica restrita ou na extramuros, a escuta e a proximidade com o sofrimento se mantêm.

É especificidade da investigação psicanalítica a implicação do analista e sua subjetividade, o que cria uma forma especial de relação sujeito-objeto, que faz com que na investigação na psicanálise não só se produza um conhecimento que amplia ou desdobra conceitos, mas que também produza uma mudança no próprio analista e portanto faça parte de sua construção. Além disso, na psicanálise descoberta e

transformação acontecem ao mesmo tempo; o exercício da escuta psicanalítica numa entrevista, num grupo operativo ou numa roda de conversa já introduzem no campo alguma transformação.

### **3) Relato de experiências**

No Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes, existe um primeiro momento de formação sistemática, com seminários, supervisões individuais e grupais, e para quem desejar o aprimoramento na clínica social, além da formação continuada de seus membros em grupos temáticos. Foi nesta formação continuada que, em 1997, realizei uma convocatória entre os membros do Departamento para constituir um grupo de investigação que coordeno até hoje. Seu objetivo: trabalhar o amplo tema do feminino que abrange desde o “continente negro” até as fórmulas de sexuação; dos momentos fundamentais na vida das mulheres (gravidez, menopausa) até o feminino nos homens; da feminilização da cultura até os movimentos de luta em defesa das mulheres; todos eles abordados no cruzamento entre a clínica psicanalítica e os fatos sociais e culturais.

Tentando retomar os conceitos psicanalíticos e fazê-los trabalhar, respondendo às solicitações que as mudanças sociais e culturais e os impasses de nosso tempo nos colocam, denominei o grupo “O feminino e o imaginário cultural contemporâneo”, e o apresentei como um grupo de investigação. Isso porque pensava que colocar o foco na produção de conhecimentos novos poderia ter efeitos importantes na construção dos analistas, ao favorecer a circulação dos lugares de saber e de autoria, que muitas vezes ficam muito cronificados nos chamados grupos de estudo, criando também condições para a escrita. No “imaginário” do nome ressoava o pensamento de Castoriadis.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O pensamento do filósofo grego-francês Castoriadis foi fonte importante daqueles que trabalham no sentido da desnaturalização das sexualidades e subjetividades. Seu conceito de “imaginário social” foi muito fértil para pensar tanto a criação da instituição social, como suas mudanças, descontinuidades e rupturas. Imaginário, não no sentido de “imagem de”, e sim criação incessante social e psíquica. “Magma” de significações imaginárias que determinam a forma de pensar, desejar e sentir dos indivíduos. Imaginário que se encama nas instituições que através dos seus discursos possibilita ou restringe as ações dos sujeitos.

As configurações das pesquisas realizadas foram variadas, algumas em parceria com instituições (hospitais, fundações), outras em cruzamentos com a arte ou a literatura, ou também a partir das clínicas particulares dos próprios investigadores. As metodologias também variaram: entrevistas, grupos, rodas de conversas, análise do material midiático. Mas me interessa neste momento centrar a reflexão em dois pontos presentes em todas elas: 1) nas pesquisas não fizemos “psicanálise da cultura”, mas sim uma interlocução com as mudanças culturais e o imaginário social que nos solicitaram o retrabalho, ampliação, questionamento ou reafirmação de alguns conceitos psicanalíticos. Nos levaram também a reencontrar certos postulados metapsicológicos que cobram maior importância quando estudados a partir de apresentações clínicas novas. Não reconhecer as mudanças dos lugares sociais e dos imaginários culturais, assim como seus efeitos na subjetividade, pode levar-nos a tratar como essências biológicas formas que são efeito de condições históricas, assim como deixar teorias petrificadas nos seus pontos cegos; 2) todas as pesquisas nos confrontaram com diferentes faces da violência, o que nos permitiu ver o tamanho e o grau de disseminação das violências de gênero que atravessam permanentemente o tema.

Nos anos 1990, momento no qual algumas figuras tinham muita presença na clínica, como a anorexia e a bulimia, assim como marcas corporais como tatuagens e piercings, vimo-nos convocados a estudar o corpo na contemporaneidade. Corpos que tem uma presença permanente nas conversas e na mídia, que marcam sua presença com o tamanho, o corpo imenso do obeso ou o cadavérico da anoréxica, corpos afirmados na sua carnalidade, sua materialidade, em luta contra um ambiente de muito consumo e pouco desejo.

Onde encontramos as violências? Nos corpos submetidos ao “ideal de perfeição”, que se impõe sobretudo às mulheres e que as deixa submetidas à tirania das dietas, das plásticas, do apagamento das marcas deixadas pela passagem do tempo, mas também corpos tomados pelo excesso que precisam se marcar para ter algum contorno, algum limite, ou às vezes a ter que inscrever no corpo algo da subjetividade na tentativa de estabelecer uma imagem que estabilize. Corpos perfeitos capturados pela mídia no lugar de fetiche que vende qualquer objeto. Corpos denunciados na arte, o que levou

alguns dos participantes do grupo<sup>4</sup> a conversar com a obra de Orlan, artista multimídia francesa que com suas cirurgias-performances, “óperas cirúrgicas”, fazendo dos cenários cirúrgicos, cenários complexos nos quais músicos e poetas entram para intervir no processo, sendo tudo registrado em vídeo e transmitido para o mundo. Com essas performances, Orlan tenta retomar alguma participação que a retire da objetividade e passividade, bem como experimentar outras formas de ser, ser em pele estrangeira perseguindo as moradas da identidade, brincando com as certezas identitárias (Breyton et al., 2002).

Corpos contemporâneos que transitam permanentemente pelas dialéticas do limitado/ilimitado, completo/incompleto, finito/infinito; cenário que levou uma das pesquisadoras a ir atrás da “estética da magreza”, presente no mundo glamourizado da moda e das modelos, e que tem seu reverso na melancolia do corpo anoréxico que denuncia os lutos não feitos do familiar e do social, para tecer alguns cruzamentos entre estes corpos e a arte minimalista. Arte esta que denuncia a história recente se despojando das marcas da história, levando a pesquisadora a perguntar-se: será que a estética da magreza não seria a versão minimalista dos corpos que denunciam o repúdio do legado histórico? Será que as anoréxicas nos seus corpos cadavéricos não fazem uma espécie de performances dos sobreviventes dos campos de concentração? (Armênio, 2008).

Os conceitos psicanalíticos que precisaram ser retrabalhados a partir destas pesquisas foram: o traumático, o irrepresentável e o inominável. Conceitos freudianos, mas que quando se tratava das neuroses clássicas não tinham tanto destaque e que foram adquirindo um lugar central a partir da presença de novas patologias.

A década de 1990 foi um momento em que a questão da reprodução assistida começou a ser muito discutida pelos psicanalistas. O tema da maternidade e da reprodução, centrais nos estudos da sexualidade feminina, sofreram efeitos importantes com a introdução da reprodução assistida, que separou radicalmente a sexualidade da

---

<sup>4</sup> Participantes da pesquisa sobre o “Corpo no Contemporâneo”: Danielle Breyton, Elaine Armenio, Julia Catunda, Paula Francisquetti e Renata Puliti.

reprodução. Controvérsias surgiram entre os analistas, entre aqueles que viam nela um recurso importante para a realização do desejo de ter filho e aqueles que viam nesta posição uma recusa da castração e de não aceitação dos limites do corpo, dando lugar a uma produção bibliográfica importante sobre o tema.

Motivadas por esse debate, três analistas do grupo resolveram se aprofundar nos efeitos subjetivos das técnicas da reprodução assistida. Realizamos uma parceria com o Centro de Referência de Saúde da Mulher do Hospital Perola Byngton, único hospital que realiza estes procedimentos de forma totalmente gratuita. A pesquisa de campo durou dois anos e as pesquisadoras<sup>5</sup>, além de participarem das reuniões da equipe médica, realizaram um trabalho com grupos operativos de casais no tempo de espera entre o diagnóstico e o início dos procedimentos, que dura em média dois ou três anos (Breyton et al., 2008).

Onde as investigadoras se encontraram com a violência nesse trabalho? No lugar de passividade e no silêncio ao qual as mulheres eram submetidas durante todo este período, tendo que se haver sozinhas com as angústias despertadas por todo o processo, angústias estas que não tinham lugar nenhum nos procedimentos médicos. Mas também na violência da mídia, que prometia paraísos, sendo muito duro lidar com a frustração perante a realidade.

Esta investigação, depois do trabalho de campo no hospital, foi se desdobrando em outros nos quais os cruzamentos de discursos, não só o médico, foram se dando e as violências apareceram cada vez com maior intensidade. Uma parte da investigação foi sobre a história de um dos pioneiros da reprodução assistida no Brasil, médico conhecido como o “papa” da reprodução assistida, que durante muito tempo escondera sob o êxito e o glamour crimes terríveis que cometia, desde estupros até manipulação de material genético. Não foi objeto desta investigação a perversão do médico e sim a reflexão sobre os discursos imperantes na cultura que permitiram que o seu reinado fosse tão longo, ou seja, o que as pesquisadoras estudaram é como o machismo

---

<sup>5</sup> Participantes da pesquisa sobre “Reprodução assistida”: Danielle Breyton, Helena Albuquerque e Verônica de Melo.

arraigado nas instituições médicas e jurídicas permitiu o que aconteceu (Breyton et al., 2016).

A pesquisa se debruçou sobre os mecanismos psíquicos, sociais e culturais que construíam a trama de sustentação desta situação; mas também sobre o lugar de passividade na qual as mulheres estão colocadas, o que fez com que as denúncias tardassem a ser feitas, e quando eram feitas os discursos jurídicos só reforçavam o lugar de poder do médico e a desqualificação da fala das mulheres, criando uma corrente de denúncias silenciadas, perdidas, escondidas, *habeas corpus* que iam reforçando o poder dos médicos e a impotência e desamparo das mulheres – que sobre o trauma do abuso eram retraumatizadas pela situação de impotência. O silenciamento age como forma de controle e de poder, e só se juntando entre elas conseguiram sair de um lugar objeto e voltar a ocupar o lugar de sujeitos que defendem seus direitos.

Em relação aos efeitos desta investigação sobre os conceitos psicanalíticos, fomos levados a questionar o conceito de instinto maternal – tão presente nos estudos sobre o tema – mostrando como não dá para reduzir o lugar de filho ao lugar de falo; e a fazer um necessário trabalho de desnaturalização e recuperação da história de figuras como da maternidade como fruto da modernidade e não presença eternizada.

O silenciamento das mulheres, como forma de dominação, apareceu também com clareza em outra das investigações realizada pelo grupo, sobre a gravidez na adolescência numa comunidade carente de São Paulo. Esta foi realizada a pedido da Fundação Cruz de Malta<sup>6</sup>, que faz atendimento médico voltado à saúde da mulher. Nesta investigação não se realizaram grupos e sim entrevistas individuais na hora da consulta ginecológica. Vários tipos de silêncios estavam impostos, como o exigido pelas mães das filhas adolescentes sobre a sexualidade, na crença de que “se não fala não acontece”; este se juntava ao silêncio imposto pelos narcotraficantes em troca de algum amparo, em vidas de extremo desamparo produto de um Estado que, ao invés de proteger as populações mais pobres as deixa livres à própria sorte, somando-se ao

---

<sup>6</sup> Participantes da pesquisa sobre “Gravidez na adolescência”: Ana Carolina V. Paula Santos, Lia França Lourenço Sampaio, Roberto Villaboim, Therezinha Prado de Andrade Gomes.

silenciamento exigido nos abusos de poder sobre seus corpos e suas vidas, já desde os abusos sexuais no próprio contexto familiar. Os abusos das forças policiais, que entram nas comunidades para destruir, matar e estuprar somam-se ao desamparo psíquico e o da vulnerabilidade social. O silenciamento se faz presente também nas escolas, que uma vez grávidas as adolescentes sofrem tentativas de exclusão, como para deixar de fora esses corpos de meninas com barrigas grandes, que parecem ser testemunhas daquilo que quer ser silenciado.

Freud em resposta à carta de Einstein, “Por que a guerra?” (Freud, 1932), concorda com o nexos entre *direito e poder* e se autoriza a substituir a palavra *poder* por *violência*, por ser “mais dura e estridente”, afirma Freud; ele diz também que “direito e violência são hoje opostos para nós” (p. 188), para em seguida refletir sobre como, na história, os conflitos de interesses entre os homens foram solucionados por meio da violência. Seja pela força bruta ou intelectual, mas a violência do um, que pode ser quebrantada pela força da união, que leva ao direito, o poder da comunidade. Na admissão de interesses comuns se estabelecem entre os membros do grupo os *sentimentos comunitários*. Além da ligação pelo Eros, se produz também a ligação pela identificação, mas como a comunidade inclui elementos de poder desigual como homens e mulheres, pais e filhos, amos e escravos, o direito se converte na expressão de desiguais relações de poder que se expressam nas leis.

Se, como Freud afirmava, a forma de mudar essa oposição poder/direitos é pelo poder do coletivo que se une pelo Eros e pelas identificações, no campo das violências de gênero, a construção de um coletivo que lute pela recuperação para as mulheres dos direitos que lhes foram desapropriados pela estruturação social patriarcal, tem uma longa história; as *ondas feministas* vêm tentando recuperar direitos à educação, à propriedade, à herança, ao divórcio, ao voto, ao trabalho, à vida e ao lugar de sujeito. Direitos parcialmente conquistados e muitos deles ainda a conseguir, muito embora o número de feminicídios (mortes por questões de gênero), estupros, abusos e violências familiares são imensos.

É sobre este tema que o nosso grupo vem focando no último ano sua investigação, *Feminismos em trânsito* (2021). Com rodas de conversas com mulheres de idades diferentes, no intuito de observar as diferenças entre o discurso das várias gerações e com o acompanhamento destes em quatro veículos da mídia, dois da mídia impressa e dois da digital, pretendemos nos aprofundar na forma pela qual estes discursos se organizam atualmente, concordando com Luce Irigaray (2017) na ideia de que não adianta reivindicar uma fala sobre a mulher na continuidade do discurso masculino que a colocaria como um outro invertido, mas sim uma mudança na própria estrutura discursiva.

Algumas outras questões, colocadas atualmente no campo, nos guiam nesta pesquisa. Trata-se, por exemplo, de que muitos autores, filósofos e psicanalistas, questionam atualmente a lógica das identidades, entendendo que as categorias binárias apagam a complexidade do real, ao mesmo tempo reconhecem que o apoio à luta das mulheres, assim como de outras minorias, continua sendo politicamente fundamental, pelo menos neste momento civilizatório.

Como conciliar as duas coisas? As mulheres sofrem violências terríveis no Brasil e no mundo, a quantidade de estupros, abusos, violências domésticas, são assustadoras e lutar contra estas violências é fundamental, além de reconhecer que elas são os efeitos bizarros da estrutura social patriarcal. Porém, não justifica colocar as mulheres como “vitimárias”, termo usado por Badinter (2005), ou seja voltar a naturalizar as coisas como se o status de vítima fosse uma espécie de essência da mulher, ou da mesma forma colocar a dominação masculina como se fosse a substância definidora do masculino e não um produto da cultura. Como defender leis que as protejam das violências realmente existentes, sem infantilizá-las ou fazer sobre elas uma imagem de fragilidade? Como retirá-las do lugar de meros objetos do desejo masculino, no caminho da apropriação do próprio desejo, sem fazer um esvaziamento da sexualidade que conduza a uma sociedade melancólica ou uma verdadeira paranoia sexual? Depois de tudo, a psicanálise com a sua teoria sobre a sexualidade, abriu brechas no imaginário sexual da época ajudando as mulheres e, portanto, o que a psicanálise tem a dizer sobre tudo isso?

No meio de tantas interrogações, vou finalizar com duas afirmações: 1) como os processos de apassivação e de silenciamento têm sido o marco no qual as violências se efetivaram, a psicanálise, com o instrumento da escuta, tem certamente um lugar importante no trabalho de resistência; 2) o trabalho de investigação, ou seja, aquele que foca na tentativa de avanço do conhecimento, tem se mostrado muito fértil no processo interminável de construção de um analista.

### **Referências bibliográficas**

ALONSO, S. (2014). A construção do analista. In SELAIBE, M. & CARVALHO, A (Orgs.). *Psicanálise entrevista: Volume I*. (pp. 321-339). São Paulo: Estação Liberdade.

ALONSO, S. (2011). *O tempo, a escuta, o feminino*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALONSO, S.; BREYTON, D. M. & CAMPOS, M. R. B. de (Orgs.) (2022). *Feminismos em trânsito*. São Paulo: Zagodoni.

ARMÊNIO, E. (2008). A estética da magreza. In ALONSO, S., BREYTON, D. & ALBUQUERQUE, H. (Orgs.). *Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura* (pp. 110-121). São Paulo: Escuta.

BADINTER, E. (2005). *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BREYTON, D.; ARMENIO, E.; CATUNDA, J.; FRANCISQUETTI, P. & PULITI, R. O corpo: campo de batalha contemporâneo. In ALONSO, S., GURFINKEL, A. & BREYTON, D. (Orgs.). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo* (pp. 65-77). São Paulo: Escuta.

BREYTON, D.; ALBUQUERQUE, H. & MELO, V. (2008). Reprodução nos tempos das novas tecnologias. In ALONSO, S.; BREYTON, D. & ALBUQUERQUE, H. (Orgs.). *Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura* (pp. 253-261). São Paulo: Escuta.

BREYTON, D.; ALBUQUERQUE, H. & MELO, V. Ciência, religião e perversão no caso Roger Abdelmassih. In ALONSO, S. *et al.* (Orgs.). *Corpos, sexualidades, diversidade* (pp. 89-97). São Paulo: Escuta.

ENRIQUEZ, M. (1994). Forma-se um analista. *Revista Percurso* (12), 12-20.

FREUD, S. (1932/1993) ¿Por qué la guerra? FREUD, S. *Obras Completas* (v. 22, pp. 179-198). Buenos Aires: Amorrortu.

IRIGARAY, L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher*. São Paulo: Senac.